

QUE ONDA É ESSA!: O ALCANCE DA RÁDIO EDUCADORA DE PARNAÍBA¹

THAT WAVE IS THIS!: THE RANGE OF RADIO EDUCATOR PARNAÍBA

Cleto Sandys Nascimento de Sousa

Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Resumo

O presente trabalho visa investigar a história do rádio no Estado do Piauí, utilizando como referência a Rádio Educadora de Parnaíba. Empregando como recurso metodológico a história oral, através de entrevistas que buscam reconstruir a memória de alguns sujeitos sociais que participaram direta ou indiretamente da história da emissora após a instalação do transmissor de ondas médias que ampliou sobremaneira seu alcance atingindo inclusive a Europa. O recorte temporal vai de 1940, data da inauguração da primeira emissora de rádio no Piauí até os anos dourados do rádio na década de 60. O estudo é ambientado na Nova História Cultural, focalizando as práticas e as representações, manifestando-se como processo dinâmico de se fazer a história a partir de um tema atual, pesquisando suas peculiaridades ao longo do tempo e descobrindo as diferentes abordagens que lhe foram conferidas pelas circunstâncias variadas.

Palavras-chave: Rádio. História. Memória.

Abstract

The objective of this work is to investigate the history of the radio in the state of Piauí, using as a reference the "Rádio Educadora de Parnaíba", whose methodological resource was the oral history through interviews that tries to rebuilt the memory of some social subjects Who took part directly or indirectly of this radio after the installation of the middle waves transistor that increased its reach including Europe. The time period goes from 1940, date of the opening of the first radio station in Piauí until its golden years in the decade of 60's. This study focuses the New Cultural History, highlighting its practices and representations that show up as a dynamic process of producing history having a current theme as a reference, researching its particularities throughout the time and discovering the different approaches that were once attributed by varied circumstances.

Keywords: Radio. History. Memory.

Introdução

Um dos principais motivos para termos escolhido o rádio como objeto deste trabalho se deu pelo fato do enorme alcance que este meio de comunicação de massa teve e ainda tem no Brasil, pois as pesquisas de opinião indicam que todas as camadas sociais acessam emissoras de rádio, seja apenas para ouvir músicas, seja para se antenar com as últimas notícias, seja para enviar ou receber recados, seja para concorrer a brindes. Para alguns ouvintes, o rádio se transformou em vício, como também ajuda no processo que antecede ao sono profundo.

O rádio, enquanto objeto de estudo, teve sua importância amplamente reconhecida a partir da década de 1950 quando surgem os primeiros livros sobre o assunto. Na década de 1990, surgem trabalhos acadêmicos mais aprofundados, sobretudo, nos novos cursos de pós-graduação implantados no Brasil no período, despertando interesses nos estudos acadêmicos, principalmente, na área de Ciências Humanas e no campo da História. Neste sentido, (Haussen, 2005, p.7), pesquisador da área, afirma que:

Na pesquisa efetuada encontraram-se registros de 105 trabalhos, sendo 89 dissertações e 16 teses sobre rádio, no período de 1991 a 2001. O tema preponderante foi o da história do veículo (21), seguido pelo da linguagem radiofônica e dos estudos de recepção (16, cada), pelo das rádios comunitárias, livres e alternativas (13), pela política (10), pela análise da educação no rádio (8), pelo rádiojornalismo e a tecnologia (7, cada), além de outros temas que despertaram menor interesse por parte dos pesquisadores.

Esta pesquisa realizada no período de 1991 a 2001, constitui-se num recorte de dez anos de fluxo da produção científica sobre o rádio no Brasil. Assim, os resultados encontrados demonstram um período de significativo interesse pelo estudo do rádio, período em que passou a ter maior relevância enquanto objeto de estudo por parte das universidades brasileiras, principalmente através de seus Programas de Pós-Graduação.

O rádio enquanto objeto de estudo possui uma profusão e uma íntima inserção na abordagem desenvolvida pelos estudos culturais na atualidade, privilegiando as produções discursivas e

as representações sociais. No Estado do Piauí, ele possui uma intensa atividade nos processos de sociabilidade e civilidade de determinadas camadas sociais, em que exerceu quase que majoritariamente, durante certo tempo, uma influência na tomada de decisões, reivindicações, manifestações e contestações.

Pelas ondas do rádio, fatos históricos foram divulgados, notícias mobilizaram multidões, insuflaram concepções e propagaram princípios ideológicos. Tornou-se um instrumento do poder ou de micro-poderes, tornando-se presente no cotidiano da maioria das famílias piauienses, disciplinando horários, modos e costumes, coordenando práticas sociais, mitificando personalidades, depreciando outras, num modelo de circularidade e de projeção, mudança e permanência, mediado pela capacidade de interação com o veículo de comunicação que ultrapassou a dimensão da cidade moderna e passou a integrar os espaços sociais mais diversos e distantes.

O rádio era visto, até o início da década de 30, como um veículo de comunicação razoavelmente inédito; mas com o tempo, passou a ser usado cada vez mais para o lazer² e para a diversão³, pois a radiodifusão ainda estava em sua fase incipiente. O público que o rádio foi alcançando com o passar do tempo era moldado por sua ação direta e os hábitos dos cidadãos foram sendo alterados significativamente. Além disso, ao longo da década de 1930, o rádio foi se mostrando um veículo de publicidade economicamente rentável.

No início da década de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o poder no Brasil e implantou o Estado Novo (1937-1945), ele simbolizava o poder do Estado, em sua concepção do "novo homem" e passava para a população, esperança de uma sociedade melhor. Getúlio Vargas levava a entender que a população evoluiria junto ao Estado Novo dentro do contexto "novo homem", um novo ideal político, em que a mão-de-obra seria valorizada e os meios de produção seriam renovados, iniciando uma nova fase econômica.

Em Parnaíba-Pi, este ideal foi tomando forma através das novas tecnologias incorporadas o cotidiano da cidade e em obras públicas que, aos poucos, mudam a paisagem urbana. Além disso, naquela mesma década, a economia apresentava franco crescimento, o prolongamento da estrada de ferro de Parnaíba até a cidade de Piri-piri, que ficava 180 km de distância, pode ser apresentada como bom indicador deste novo momento experimentado pela economia parnaibana.

A cidade de Parnaíba sofreu mudanças acentuadas em seu traçado urbanístico no início da década de 20, quando a elite parnaibana junto ao poder público iniciou um processo de remodelação da cidade. Esta remodelação dos espaços urbanos implicou num redirecionamento de locais de moradia com a criação de novos bairros como, por exemplo: o bairro Nova Parnaíba e principalmente nos espaços de sociabilidade da cidade, apesar deste processo se iniciar na década de 20, seria:

Entre os anos de 1930 e de 40, momento de transformações políticas e que irão repercutir sobremaneira nos modos de pensar em viver na cidade, que o empenho das elites em modificar o traçado urbanístico da cidade se farão sentir mais fortemente [...] com a construção do calçamento poliédrico no centro da cidade [...] jardins, praças [...]. (LIMA, 2005, p.212).

O texto acima nos direciona a pensar que, no período citado, a cidade de Parnaíba havia se transformado em um enorme canteiro de obras, o centro da cidade recebendo calçamento poliédrico denuncia um núcleo urbano com ruas de areia. Pode-se afirmar ainda de acordo com o autor que as mudanças do traçado urbanístico ocorreram devido, principalmente, aos desejos políticos e ao empenho das elites locais em remodelar a cidade.

Na década de 30, Parnaíba era uma das mais prósperas cidades do Piauí com seu comércio de exportação de babaçu e outros produtos locais. Além de muitas representações de reconhecidas empresas estrangeiras como a Philips, por exemplo. Parnaíba é apontada como um dos pólos econômicos do Nordeste e por causa das condições materiais que ela dispunha, conseguiu um razoável grau de desenvolvimento.

A criação de um aeroclube em Parnaíba, em outubro de 1940 (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1943 p.99) é outro bom indicador econômico e que ainda demonstra, em parte, o grande poder aquisitivo desta sociedade burguesa, além da preocupação dos jovens parnaibanos com a formação de um cadastro de reservas para engrossar a fileira de pilotos ávidos por participar da Segunda Guerra Mundial que se desenrolava naquele momento (1939-1945).

Esta conjuntura beneficiou sobremaneira o cenário cultural descrito e assim, muito grupos de teatros, de circos, orquestras, bandas de alcance nacional se apresentavam com certa frequência nos vários locais de lazer na cidade, criando um ambiente profícuo para a fundação da Rádio Educadora de Parnaíba.

Após a aquisição do transmissor de ondas médias na faixa dos 62 metros, a Rádio Educadora de Parnaíba amplia consideravelmente seu raio de ação, passando a transmitir seus programas para todo o território nacional, o que a torna uma estação ainda mais atrativa para os patrocinadores. É a partir daí que sua programação é ouvida não só no estado do Piauí, como no Brasil, além de outros países.

Em 1943, com parte do edifício já construído, as novas instalações da Rádio Educadora de Parnaíba foram inauguradas e foi ao ar a nova emissora da PRJ-4 com o transmissor de ondas médias instalado e devidamente inaugurado de acordo com o Jornal O Sino (1943, p.2) "em solenidade realizada na praça da graça com a presença das autoridades locais e membros destacados da sociedade parnaibana, com suas ondas ultrapassando muitas fronteiras".

Com a inauguração do novo transmissor a emissora ascendeu a um novo patamar de alcance e audiência. Pois, as rádios que operam na faixa de frequência de ondas médias são as que conseguem atingir maiores distâncias, ultrapassando, por exemplo, as fronteiras de um país. Essas ondas têm maior alcance do que as ondas longas. A Rádio Educadora ampliou significativamente seu raio de ação com a compra de um novo transmissor de ondas médias,

71

Por uma feliz coincidência os nossos transmissores se encontravam numa posição privilegiada, que permitia sermos ouvidos pelos nossos soldados, de onde recebemos cartas de alegria por escutaram. De toda nossa região, somente a nossa emissora mantinha contato com os pracinhas na Itália. (ALVES, 1993 p. 6).

Da Itália, os pracinhas de vez em quando, remetiam cartas confirmando a limpidez da transmissão ocupando, inclusive, por um bom tempo, lugar de destaque na rede radiofônica parnaibana.

Na produção deste trabalho, que enfoca a memória coletiva da Rádio Educadora de Parnaíba, ressaltamos a discussão feita por Jacques Le Goff sobre a memória coletiva. Le Goff defende que, a memória é "um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia". (2003, p.469)

Em seguida, o referido autor acrescenta que:

Enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 2003, p. 469).

Buscando a memória de profissionais que passaram pela Rádio Educadora de Parnaíba, procuramos entender a relação entre o rádio e a sociedade parnaibana. Pois há uma relação original entre o historiador e as memórias dos sujeitos da história, diferente, portanto, daquela que o historiador mantém com um documento.

A memória como evocação do passado nos termos do presente é o ingrediente da História Oral e, na tentativa de conceituá-la, Delgado (2006) chama atenção para uma "distinção" e não uma "oposição" entre História e memória. Embora ambas estejam preocupadas com a preservação do que se passou, a memória se liga mais à imaginação, ao vivido, enquanto que a História procura refletir sobre essas vivências. Todavia, esta distinção é muito tênue, pois a memória também traz consigo reflexões e do mesmo modo a História está ligada ao vivido.

Outra concepção de memória que nos orienta é tomada de empréstimo à obra de Maurice Halbwachs, a partir de seu trabalho *A memória coletiva*, é possível reter pelo menos dois traços principais para delinear seu conceito de memória. Em primeiro lugar, a memória é coletiva; mesmo as recordações mais pessoais de um indivíduo só são possíveis nos enquadramentos superpostos dados pelos grupos de referência a que esse indivíduo pertence, pela tradição e pela linguagem. Em segundo lugar, a memória não é um apático retorno de um passado incólume, mas um procedimento de reconstrução deste passado feito a partir de subsídios e interesses do presente. (HALBWACHS, 1990).

O que estabelece as fronteiras, na verdade, são os procedimentos e regras padronizados pelos historiadores no fazer da História que a memória em seu processar não possui. A memória contém vestígios do passado sobre os quais a História procura construir um conhecimento.

Um dos instrumentos empregados para investigação do objeto Rádio Educadora de Parnaíba, no período de 1937 a 1960, é a metodologia da História Oral, por esta oferecer as possibilidades de investigação do conhecimento que se processa no convívio social. As fontes construídas

com o emprego da História Oral somam-se às outras fontes, mas avaliamos que as primeiras permitem não apenas oferecer uma mudança do conceito de história, mas também, permite que atores sociais que atuaram no rádio em Parnaíba participem da construção de uma narrativa histórica sobre aquela emissora, e talvez essa participação acrescente outro sentido à vida de depoentes, que passam a entender a seqüência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem.

De acordo com Ecléia Bosi (2003, p.15), "a memória oral é um instrumento precioso se desejarmos constituir a crônica do cotidiano. A história que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios". A citação configura a importância da pesquisa baseada na História Oral e, neste trabalho, as histórias de vida têm muito valor para afirmar a relevância das publicações pesquisadas.

Segundo informações colhidas em um artigo intitulado "40 anos no ar", escrito por Rubem Freitas e publicado no jornal de Parnaíba Folha do Litoral (1980), os praças brasileiros da FEB⁴, escreviam cartas contando histórias de seu cotidiano e enviando notícias sobre o front de batalha na Itália. Rubem Freitas, neste artigo, fala sobre o longo alcance da Rádio Educadora e como o sinal de ondas médias conseguia alcançar a Europa que, naquele momento, estava em guerra (1939-1945), e afirma: "Nessa estação de ondas médias realizamos um feito que até hoje é o maior da radiodifusão piauiense e um dos maiores do Brasil como passamos a relatar". (FREITAS, 1980, p.4).

De acordo com Freitas "Nessas forças estavam dois parnaibanos Alciomar Melo e Alcione Melo, ambos tenentes da infantaria, filhos de Antônio Otávio de Melo, um dos diretores da emissora." (idem)

Mais adiante neste artigo, Rubem Freitas ainda afirma que o maior feito da emissora foi o contato radiofônico entre pai e filhos, que previamente fora estabelecido e depois confirmado via telegrama:

[...] Antônio Melo, havia apazado com eles o dia e a hora em iríamos tentar contatar-nos pelo rádio, com os mesmos, e, chegada na hora apazada, lá estava nosso companheiro Fonseca Mendes, ao microfone, tentando o histórico contacto. (1980, p. 4).

O ano que ocorreu este contato, de acordo com Rubem Freitas, foi, no final de 1944 ou no início de 1945, estas informações são extrema-

mente relevantes do ponto de vista memorialístico da radiofonia piauiense, pois acrescentam uma enorme riqueza de informações e dá maior visibilidade para o estudo da radiodifusão, em particular, no pioneirismo da Rádio Educadora.

Em entrevista feita pelo professor Francisco Alcides do Nascimento com senhor Francisco Elisiário quando aquele perguntou se a emissora tinha grande audiência, e a resposta foi: "Tinha uma audiência doida, meu irmão recebia carta da Filadélfia, carta, dizendo: "[...] olha, escutamos vocês aqui, coisa e tal, tal e tal" elogiando e tudo mais, é tinha um alcance muito longo". (ELIZIÁRIO, 2004, p.9).

Rubem Freitas que trabalhou na Rádio Educadora, afirma em que também recebeu correspondências do exterior, [...] Há quem sintonize a Educadora por aí, a gente sempre recebe carta, eu mesmo recebo carta do Rio de Janeiro, de São Paulo, recebo, até do exterior, já recebi. (FREITAS, 2004, p.3).

O locutor da Rádio Educadora de Parnaíba Mário Campos, em seu depoimento afirma,

[...] que ela tem um alcance muito grande, ela tem um painel, um mural onde tem cartas e mais cartas do exterior, quem escreve dá a hora que sintonizou, o programa que estava escutando, tudo direitinho, até o prefixo, e essas cartas, vieram cartas da Holanda, veio cartas de muitos países, né, de navios cargueiros, que navega na nossa costa, passa no oceano atlântico, nós estamos bem perto dele, não é, eles passam lá, e eles lá, sintonizavam no rádio deles, a Educadora, e muitas vezes eles mandavam cartas, dia tal, tanta horas, deixando o Porto Itaqui, de São Luis, em direção a Fortaleza, no Porto de Mucuripe, em certa altura na costa litoral piauiense sintonizava a rádio Educadora, tantas horas no programa tal. (CAMPOS, 2003, p.10).

É possível perceber por meio deste fragmento de memória que o alcance da emissora ocorria na Europa e em vários pontos do nordeste do Brasil. E se dava por meio dos navios que singravam o oceano atlântico.

Esta afirmação é corroborada pelo senhor Jaime Lins também locutor da emissora que assegura:

[...] nós chegamos até ter o alcance a nível nacional e internacional abrangendo mais a Europa, era comum receber cartas de pes-

soas que gostavam de rádio, fita daquele tempo era em rolo né, eles mandavam na carta dizendo "olha ai na fita ta comprovando o horário, o nome do locutor, as propagandas veiculadas aquela coisa e tal, vinha muita carta da Suécia, Suíça, da Finlândia isso era uma rotina quase toda semana ouvintes que mandavam pedindo em troca foto-postal e alguma informação sobre o Piauí. (2004, p.7-8).

De acordo com o depoimento do senhor Jaime Lins, havia uma constante troca de informações entre os ouvintes europeus e os locutores da emissora. É possível também apreender a partir deste fragmento que a emissora colaborou para que o Piauí aos poucos fosse conhecido por estes ouvintes estrangeiros.

A proposta de construir ou reconstruir memória é atravessada pelo uso da História Oral, como metodologia, devido à complementação de informações sobre o tema. A utilização de depoimentos orais favorecerá na construção do conhecimento sobre o período, constituindo-se na principal forma de reconstrução deste passado, elucidando questões e trazendo, à tona, outras.

Na tentativa de compreender a História Oral, pode-se conceituá-la como sendo, uma metodologia de pesquisa e de documentação de fontes para estudo da história contemporânea. Para Pollak (1989, p.04) "a História Oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, opõe-se a 'memória oficial'".

Foram realizadas entrevistas com profissionais que trabalharam na Rádio Educadora de Parnaíba como: técnicos, cronistas sociais, locutores, cantores e até músicos que tocaram em programas de auditório e acompanharam estrelas do rádio brasileiro que foram levadas pela Rádio Educadora de Parnaíba e ali realizaram shows em praça pública ou em clubes fechados.

O avanço da História Oral se encaixa no âmbito das transformações da historiografia que passou a considerar as experiências particulares, deslocando a análise do geral para o específico, enfatizando com isso trajetórias de vida e projetos individuais. O relato pessoal passou a ser visto como fonte capaz de fornecer importantes dados sobre a experiência coletiva.

Um outro entrevistado que trabalhou na emissora, nas décadas de 40 e 50, o senhor Francisco das Chagas Sousa Costa, revelou em sua entrevista que,

[...] agora lá, veio um engenheiro e mediu a altitude a li, e deu 12 m acima do nível do mar, naquele alto ali tem 12 m. A nossa torre de ondas médias tem 42 m e tínhamos muita potência alcançávamos os países brancos; Inglaterra e Japão. Austrália nós temos correspondência de tudo isso. (2008, p.3)

Quando pergunto sobre o destino destas correspondências, seu Francisco Costa (2008, p.3) responde: "Não sei onde foi ficar porque eu sabia pouco de inglês, naquela época eu respondia as cartas deles lá e remetia pelo correio".

Ao descobrir que o senhor Francisco Costa falava inglês, fui aos poucos conhecendo um pouco de sua história, e perguntei-lhe onde aprendeu a escrever inglês, ele me informou todo orgulhoso que foi cabo da aeronáutica em Fortaleza e comandava um pequeno posto avançado quando "Sim eu escrevi um pouquinho, eu servi em uma base americana no tempo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e aprendi um pouco" (Idem). Seu Francisco Costa era o responsável pelas correspondências estrangeiras que chegavam à emissora, mas infelizmente não guardou nenhuma, pois seguindo ele, "havia outras pessoas responsáveis por isso" (Ibidem).

Durante a realização da pesquisa, constatou-se que existem poucos documentos para se confirmar as afirmações dos entrevistados; portanto, é possível que existam outros, já que as dificuldades para encontrá-los é bastante grande.

Apesar de alguns dos entrevistados afirmarem que existam muitas correspondências do período, segundo Mário Campos (2003, p.10), "tem um painel, um mural onde tem cartas e mais cartas do exterior", e as cartas vieram de vários países, mas que aparentemente este material se perdeu ou foi destruído com o passar dos últimos sessenta anos da história da Rádio Educadora de Parnaíba.

Referências bibliográficas

ALVES, Airton. **Rádio Educadora de Parnaíba 47 anos de pioneirismo**. Parnaíba, 1987.

ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada**. [s.n.], 1988.

ARAUJO, Maria Elita Santos de. **Parnaíba O Espaço e o Tempo**. Parnaíba: [s.n.], 2002.

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papirus, 1998.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ELIAS, N; DUNNING, E. **Memória e sociedade a busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a Técnica**. 2. ed. Porto Alegre, Sagra Luzzatto Editora, 2001.
- FERNANDES, Welington. **Desemprego no comércio parnaibano**. (1957/1998). Tcc (UFPI). Parnaíba 1998.
- FREITAS, Rubens. **Parnaíba 150 anos de emoções**. Show musical, 1993. **História do Rádio**. Disponível em <www.microfone.jor.br/história.htm>. Acesso em 17/12/2007.
- JAMBEIRO, Othon. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: Edufba, 2003.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 4 ed. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 2003.
- LIMA, Elys Regina de Oliveira. Impactos da Modernidade: Parnaíba no início do século XX, in: Francisco de Assis de Souza et. Al. (Orgs.). **Fragmentos históricos: Experiências de pesquisa no Piauí**. Parnaíba, Piauí: Siart, 2005. p. 207-214.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob fogo: modernização e violência policial em Teresina - (1937-1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.
- NORA, Pierre, **Entre memória e história, a problemática dos lugares**. Projeto história. 10 PUCSP; São Paulo, 1993.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana, **A informação no rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. Summus Editorial, 4ª edição, 1985.
- POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. in: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3. 1989.
- Por que Vargas ficou conhecido como o "pai dos pobres"?** Disponível em http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/htm/dhbb_faq.htm#rep_1_3. Acessado em 16/06/2008.

RODRIGUES, Maria do Socorro C. F. **Sobre a mesa**. Rio de Janeiro: Nova Gráfica, 2005.

SILVA, Maria da Penha Fonte e. **Parnaíba, minha terra**. [s.n.]. 1987.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. 19 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1939.

_____. 20 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1940.

_____. 21 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1941.

_____. 22 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1942.

_____. 23 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1943.

_____. 24 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1944.

_____. 26 ed. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1946.

Jornal O Sino. Década de 1940 e 1950.

CAMPOS, Mário. **Mário Campos** (depoimento, 2003). Teresina, NHO, 2003. 28 p. dat.

CUNHA, Domingos Moraes. **Domingos Cunha** (depoimento, 2003). Teresina, NHO, 2003. 25 p. dat.

ELISIÁRIO, Francisco. **Francisco Elisiário** (depoimento, 2003). Teresina, NHO, 2004. 18 p. dat.

FREITAS, Rubem Napascoa. **Rubem Freitas** (depoimento, 2003). Teresina, NHO, 2003. 16 p. dat.

LOPES, Jaime Lins Solano. **Jaime Lins** (depoimento, 2003). Teresina, NHO, 2004. 27 p. dat.

Notas

- ¹ Artigo produzido sob orientação do professor Francisco Alcides do Nascimento Coordenador do programa de mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI).
- ² Elias e Dunning (1992, p. 112) entendem o lazer como um tipo de atividade que se insere no tempo livre, colocando o indivíduo como transformador da sua realidade, este, enquanto sujeito social pode dotar de sentido a atividade de lazer e aproximá-la da busca da excitação ou do prazer. O prazer definido enquanto a busca de um descontrole medido ou ainda um descontrole controlado. Para os autores o lazer, apesar de trabalhar no limite do descontrole, está intimamente ligado

às dimensões culturais e podem ser estudadas através de ações pontuais como, por exemplo, as atividades recreativas.

- ³ O rádio, ao proporcionar a diversão, rompe com a vida cotidiana, adquirindo uma relativa autonomia e, por outro lado, na medida em que estabelece vínculos afetivos, faz de sua audição uma necessidade constante. Ao trazer elementos do fantástico, ele estabelece uma dimensão de satisfação.
- ⁴ A Força Expedicionária Brasileira, conhecida pela sigla FEB, foi a força militar brasileira de 25.334 homens que lutou ao lado dos Aliados na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Constituída inicialmente por uma divisão de infantaria, acabou por abranger todas as forças militares brasileiras que participaram do conflito.

Enviado para publicação:

Aceito para publicação: